

ERA UMA VEZ NO REINO ENCANTADO DO CARNAVAL: A UNIÃO FABULOSA DA LITERATURA INFANTIL COM OS DESFILES DAS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO.

Autor: André Monte Pereira Dias¹ - a.mont6@yahoo.com.br

Resumo

Este estudo tem como objetivo refletir sobre os contos de fadas como temas recorrentes nos desfiles carnavalescos do Grupo Especial do Rio de Janeiro. Como *corpus*, selecionamos os desfiles de 1965 até 2014. Utilizamos correntes teóricas múltiplas, uma vez que pretendemos demonstrar a vários aspectos da narrativa carnavalesca. Dentre elas seu caráter semiótico, mágico e popular. Portanto, a partir dos sambas enredo e das sinopses, pudemos perceber o caráter referencial afetivo dos contos de fadas na narrativa carnavalesca.

Palavras-chave: Carnaval, Conto de fadas, Semiótica, Magia, Intertextualidade.

Abstract

This study aims to reflect how fairy tales are recurring themes in the carnival parades of the Special Group of Rio de Janeiro. As *corpus*, selected the 1965 parades to 2014. Utilizamos current multiple theoretical, because we want to demonstrate the various aspects of the carnival narrative. Among them, their semiotic character, magical and popular. Therefore, from the plot synopses sambas and we could see the emotional reference character of fairy tales in the carnival narrative.

Keywords: Carnival, Fairy stories, Semiotics, Magic, Intertextuality

Introdução

Para muitos o carnaval é vivido igual a um conto de fadas, em um reino distante, na terra do nunca, onde tudo pode. Esse espírito carnavalesco se une perfeitamente com a literatura infantil em vários desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro e ativa assim nossa memória afetiva; o que, por sinal, foi o que me fez amar carnaval ao assistir em 2005 o desfile do G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense, da carnavalesca Rosa Magalhães, que forjava o encontro da turma do "Sítio do Pica Pau Amarelo" com o escritor dinamarquês Hans Christian Andersen.

Desse modo, fui conduzido por minha formação em Letras e o amor pelo carnaval, a refletir e pesquisar pela transdisciplinaridade. No decorrer de minhas leituras, pude observar a recorrência de carnavais onde os personagens fantásticos eram inseridos, ora sofrendo influências/intertextualidades, ora de modo mais fidedigno aos exemplares do senso estético comum e universal do cinema ou das adaptações dos Estúdios Disney. O presente artigo não pretende abordar todos os enredos, pois para isso seria necessário mais tempo e espaço. Por isso optei por um recorte onde investigo apenas desfiles do grupo especial, e personagens clássicos da literatura universal presentes nas sinopses dos enredos e letras dos sambas enredos.

¹ PPGARTES/UERJ (aluno de mestrado) EBA/UFRJ (professor substituto).

Literatura infantil, carnaval, memória, tradição e tradução.

A literatura Infantil se originou nas tradições dos contos orais, desde o início das civilizações, tempos imemoriais, ao redor das fogueiras por onde os mais velhos narravam histórias para ensinar algo aos mais jovens, como seu papel na sociedade, ao mesmo tempo, que entretinham, Bettelheim (1980) assinala: "Na maioria das culturas, não existe uma linha clara separando o mito do conto folclórico de fadas; todos eles formam a literatura das sociedades pré-literatas" (BETTELHEIM, 1980, p.34). Passa então à Literatura Infantil por vários períodos da humanidade, até a descoberta da escrita e invenção da imprensa, e tendo na ascensão da burguesia seu momento decisivo, pois foi a partir desse período, por volta do século XVII, época na qual a criança começou a ser vista de modo distinto do adulto, com características próprias e não uma miniatura do adulto. O escritor francês Charles Perrault notou quão rico e estético eram os contos, e os transcreve com certas mudanças, dentro da moral da época, omitindo passagens consideradas repugnantes para a elite letrada, dentre elas, canibalismo, incesto, sexo coletivo e afins. Mesmo que a princípio os contos se destinem às crianças, acabam por atingir os adultos, ao levar uma lição moralizante, humor e delírios, ao apresentar personagens fantásticos, irreais ou míticos. Além da qualidade literária incontestável, os contos apresentam, segundo estudiosos e psicólogos, soluções para conflitos pessoais, na medida que o sujeito vivencia os conflitos morais neles existentes. Não evocam apenas o mundo exterior, mas agem nos processos internos. Como aponta o poeta alemão Schiller: "Há maior significado profundo nos contos de fada que me contaram na infância do que na verdade que a vida me ensina".

Muitas das características dos contos de fadas encontram-se no viver carnavalesco, por exemplo: esse mundo às avessas, onde a realidade é surreal e, por meio do humor, e personagens míticos, encantados ou reais trabalham a realidade, as culturas e a identidade. A mulata borralheira vira princesa, o príncipe vira travesti, o português se veste de negro e o negro é coroado rei. Quando lemos um conto de fada, ou ouvimos sua narração, ou vemos um desfile, estamos produzindo sentidos, seja para reafirmá-los ou transformá-los. Uma das principais características do ser humano é sua capacidade de transmitir, registrar, codificar sua vivência. O que reforça a função simbólica da comunicação, da literatura e da arte pois, é por meio dela que esse conhecimento, tradição e memória são trocados entre os indivíduos. Manguel (2011, p.30) aponta:

Antes das figuras de antípodas e de mamutes, de homens a correr e de mulheres férteis, riscamos traços ou estampamos a palma das mãos nas paredes de nossas cavernas para assinalar a nossa presença, para preencher um espaço vazio, para comunicar uma memória ou um aviso, para sermos humanos pela primeira vez (MANGUEL, 2011, p.30).

Ainda no que tange a essa vivência, temos a fala de Monclar Valverde (2007, p.204) sobre o "fazer sentido", sobre "nossa experiência", e reforça que "nossa experiência" também é formada pelas experiências prévias:

De um modo geral, sabemos que o sentido não é uma "coisa" dada, nem uma "ideia" arbitrária. Ao contrário, só há ideias e coisas, enquanto fazem sentido para nós. [...] O que chamamos "nossa experiência" é, pois, indissociável desta ação de significar pela qual lhe atribuímos sentido, obedecendo, portanto, a sua dinâmica circular. De fato, qualquer experiência singular é automaticamente conduzida ao campo constituído pelas experiências prévias, mas só se acrescenta efetivamente ao repertório típico desse campo se desvia da redundância e escapa ao estereótipo grupal, de modo a promover uma real transformação do "sujeito" que a vivencia (MONCLAR VALVERDE, 2007, p.240).

Toda comunicação é feita por três elementos, o emissor, o receptor e o meio. As mãos nas cavernas, por exemplo, o emissor foi nosso ancestral que sujou sua mão e pressionou contra a parede, o meio é a parede da caverna e o receptor é mutável. O significado também, a mensagem será compreendida de forma distinta por cada um, de acordo com sua vivência e a vivência de sua ancestralidade cultural:

O homem lê não só o verbo, mas todos os significantes que lhe estão disponíveis e esta leitura traz infinitas possibilidades que significam a capacidade de interpretar as inúmeras mensagens que tecem nosso cotidiano, não apenas desenvolvendo a análise e o entendimento dos textos e do mundo, mas, sobretudo, desenvolvendo o gosto de ler, a alegria de desvendar os textos, de conviver com seus mistérios e nuances, de descobrir suas relações e de, corajosamente, se descobrir *no* e *pelo* texto (DURIGAM).

Saliento o papel da tradição, nesse "fazer sentido" por meio das palavras de Valverde (Op. cit.), que de forma contundente chega a se referir o processo de socialização como adestramento; entretanto essa tradição age "sobre nós e através de nós", de onde vem seu caráter mutável:

Operando como uma matriz de sentido, a tradição age – sobre nós e através de nós –, não só como um repertório de objetos e procedimentos, mas como uma estrutura inconsciente, assimilada através do longo adestramento que caracteriza o processo de socialização (DURIGAM, p.241).

No processo carnavalesco, surge a figura dos carnavalescos que se tornam os "tradutores", que transformam texto em imagens, trajes, carros alegóricos e muito mais. Essas transformações/traduições ocorrem também em adaptações do próprio texto; por exemplo, a tradução de Alice, feita por Monteiro Lobato que se preocupou em contextualizar a menina em um espaço mais brasileiro, assim também o fez Joãozinho Trinta no enredo de 1991. Sendo o tradutor, de certo modo, um coautor que adapta a obra traduzida de acordo com o público ou finalidade da obra.

O mundo é um signo, seguindo uma corrente semiológica, e cabe ao carnavalesco a ressignificar por meio de múltiplas linguagens as histórias com que pretende reencantar o

público, jogando de modo astuto com tradição e "modernidade". Fontanille (2008, p.57) assinala que o sentido de mundo é atualizado pelo discurso:

O mundo é um signo, o homem é um signo, diz Pierce, mas esse sentido que se difunde ao nosso redor e em nós mesmos só produz uma significação se ele é atualizado pelo discurso, isto é, por um ato de enunciação. Diante desse sentido difuso, o discurso atua por esquematizações: ele propõe esquemas de significação dos mais simples aos mais complexos, nos quais se forja a articulação dos sistemas de valor (FONTANILLE, 2008, p.57).

Quanto mais as linguagens variadas dialogam, mais ricas se tornam as experiências dos "leitores" e polissêmico será o resultado. Por exemplo, no carnaval ou no cinema, que temos o texto, a música, a imagem, etc. Uma grande razão para o casamento da Literatura Infantil com o Carnaval atravessar a Sapucaí é que ambos são o local da "vida ao avesso", da "realidade transmutada", do "tudo é possível", da união do grotesco com o sublime, do riso, do faz de conta. Sobre o carnaval, nos alega Bakhtin (1999, p.10):

Por isso todas as formas e símbolos da linguagem carnavalesca estão impregnados do lirismo da alternância e da renovação, da consciência da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder. Ela caracteriza-se, principalmente, pela lógica original das coisas "ao avesso", "ao contrário", das permutações constantes do alto e do baixo ("a roda"), da face e do traseiro, e pelas diversas formas de paródias, travestis, degradações, profanações, coroamentos e destronamentos bufões. A segunda vida, o segundo mundo da cultura popular constrói-se como paródia da vida ordinária, como um "mundo ao revés" (BAKHTIN, 1999, p.10).

Da seguinte maneira retruca a personagem Alice de Lewis Carroll (2009, p. 46):

- Realmente me pergunto o que pode ter acontecido comigo! Quando lia contos de fadas, eu imaginava que aquelas coisas nunca aconteciam, e agora cá estou no meio de uma! Deveria haver um livro escrito sobre mim, ah isso deveria! E quando eu for grande, vou escrever um... (CARROLL, 2009, p. 46)

Essas coisas que nunca acontecem, esses delírios se encontram também no reino de Momo, Alice deveria escrever não só um livro sobre ela, mas também um enredo sobre tudo aquilo.

Para os que experienciam esse "viver carnavalesco", ele tem um que de mágico, que se desdobra por meio de sua tradição na forma de mitos e lendas, até em momentos sagrados, onde foliões entram em êxtase e afins. Menciono aqui Marcel Maus (2003), que investigou a magia: "A cerimônia mágica não se faz em qualquer lugar, mas nos lugares qualificados. A magia tem geralmente verdadeiros santuários, como a religião". E reforço aqui com minha experiência pessoal, que o Sambódromo é para os foliões que creem esse

altar sagrado/profano onde expurgam suas mazelas. Indo um pouco além em Mauss ao se referir ao mágico e seu cliente, ao sacrificante e o sacrificado:

Entre outras prescrições, devem permanecer castos, ser puros, fazer abluções prévias, ungir-se, jejuar ou abster-se de certos alimentos; devem usar uma roupa especial, ou completamente nova ou muito suja; completamente branca com faixas púrpuras etc.; devem pintar o rosto, mascarar-se, disfarçar-se, coroar-se etc.; às vezes devem estar nus, [...] por fim, certas disposições mentais são exigidas; é necessário ter fé, seriedade. (MAUSS, 2003, p.85)

Poderíamos pegar a citação acima e aplicar diretamente aos desfilantes do carnaval carioca que, ao contrário do que os outros foliões experimentam nesse período de orgia, precisam evitar abusos e ter muita seriedade, mas acima de tudo, ter fé. E os que levam carnaval como religião sempre tem esse compromisso com o ritual/desfile. Cabe apresentar outras crenças carnavalescas, que corroboram com seu caráter folclórico/mítico/religioso como, por exemplo, a crença de que não se pode fazer alegoria de ciganos sem a presença de uma fogueira, ou que não se ganha carnaval desfilando no domingo (embora algumas tenham ganho). No nosso estudo sobre literatura infantil devo ressaltar o caráter mágico de certas palavras, como a locução "era uma vez" tão presente nos enredos, sambas e sinopses. Ela assim como "Abracadabra" ou "Pirlimpimpim" abrem um portal mágico, conduzem a outra realidade; transformação que só se dá se o interlocutor crer, "tiver fé". Ainda no que tange ao desfile das Escolas de Samba, essa "loucura", essa "vida ao avesso" tem sua estrutura, suas regras, tal qual a literatura tem suas regras gramaticais e ortográficas. Felipe Ferreira (1999) chama à luz esse fato:

Quando você observar uma escola de samba desfilando vai perceber que ela não é composta apenas de um monte de gente pulando e cantando. Mas verá que estas pessoas estão organizadas em grupos ou desfilando destacadas dos outros, intercaladas por enormes carros alegóricos. Isto acontece, porque a escola, tal qual uma ópera, está sempre contando uma história. Esta história, chamada de enredo, pode ser compreendida através daquilo que você verá e ouvirá durante seu desfile (FERREIRA, 1999, p.82).

Pode-se notar que o enredo é a história que se desdobra em múltiplas linguagens. O texto (enredo/sinopse) definido pelo carnavalesco se torna som (samba), depois figurino (fantasias), cenário (alegorias/esculturas), teatralização (coreografias e danças) e muito mais. Uma linguagem colabora com a outra. E levam ao folião uma multiplicidade de sentidos e sensações; no caso da literatura infantil, revivendo memórias afetivas.

O rei mandou cair dentro da folia.

Anteriormente já foi dito que este texto não intenciona apresentar todos os enredos e ou referências feitas aos personagens da literatura infanto-juvenil, mas sim apresentar algumas dessas apropriações nos desfiles das Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro e de todo o emaranhado e desdobramento de linguagens presentes no desfile. Vamos nos ater apenas às sinopses dos enredos e letras dos sambas e às referências feitas dentro dos mesmos à literatura infanto-juvenil, principalmente aos contos de fadas, e

sinalizar ao fato de serem temas recorrentes. Os enredos, sinopses e afins foram extraídos de arquivos próprios, de sites, do caderno Abre Alas que é distribuído aos julgadores dos desfiles e que foram gentilmente cedidos pelo Centro de Memória do Carnaval da LIESA. Seguiremos uma ordem cronológica e o corte temporal vai de 1965 até 2014. Ressaltamos o fato de que durante a pesquisa encontramos inúmeros materiais acerca do tema nos carnavais do Grupo de Acesso que, contudo, não cabem no presente artigo.

Iniciamos com Monteiro Lobato, nosso maior representante na literatura infantil que, no ano de 1967, era o grande homenageado no enredo "O mundo encantado de Monteiro Lobato" que deu o campeonato à escola verde e rosa. Na letra do Samba temos: "Glória a este grande sonhador/que o mundo inteiro deslumbrou/ com suas obras imortais (...) neste cenário de real valor/eis o mundo encantado/que Monteiro Lobato Criou"².

No Carnaval de 1970, a Mocidade Independente apresentou em seu desfile o enredo "Meu pé de Laranja Lima", de Gabriel do Nascimento e Dário Castro, baseado no romance juvenil de José Mauro de Vasconcelos. A letra do samba aborda estruturas clássicas da narrativa dos contos: "Era uma vez/ frase que traz felicidade/ às pequenas majestades/ no seu reino de ilusões/ reis, fadas e rainhas/ as histórias contadas pelas dindinhas" e insinuam como esse mundo de ilusão é um refúgio da triste realidade (do mesmo modo é o carnaval para muitos.) "Do seu mundo de fantasia/Não as devemos despertar/ para as tristezas enegrecidas/dos infortúnios da vida/ oh como é triste fazer a criança chorar"³. Essa fuga da triste realidade observa-se em algumas das histórias infantis, por exemplo, Alice que foge do seu mundo entediante para "Wonderland" ou os meninos que seguem "Peter Pan" até a "Terra do Nunca". Em obras mais atuais da literatura e cinema temos: a fuga da guerra para "Narnia" como em "O Labirinto do Fauno" e até mesmo a fuga de uma vida medíocre como é o caso de "Harry Potter". Questionamos então se não seria o período momesco uma fuga desta "triste realidade" do nosso dia a dia?

O G.R.E.S Beija Flor de Nilópolis foi campeã no ano de 1980 com o enredo "O Sol da Meia Noite, uma viagem ao País das Maravilhas"; nele Joãozinho Trinta diz ter se inspirado na fala de uma criança, que questionada sobre o que faria se tivesse poderes, respondeu que faria o sol brilhar à meia noite. A história narrada por uma Preta Velha tem duendes, sacis, Emília, Branca de Neve, Dona Baratinha entre tantos outros. Na letra do samba temos referências a diferentes personagens do imaginário infantil:

Galopando em cavalos alados/chegamos ao País das Maravilhas [...] recebidos por soldadinhos de chumbo/entramos na floresta encantada/ [...] no enlace da barata e dom ratão/[...]mos animais falam e flores cantam/[...] e a magia das mil e uma noites/ Chapeuzinho, Lobo, Cinderela a gata/ Branca de Neve e os Sete Anões/ A Chita correndo com o Saci Pererê⁴

No ano de 1982, o G.R.E.S Acadêmicos do Sagueiro apresentou o enredo: "No reino do faz de conta" dos carnavalescos Geraldo Sobreiro e José Feliz. O desfile não era especificamente de nenhum conto clássico, mas fazia o seu próprio ao conduzir o folião

² Samba de autoria de: Hélio Turco, Darci, Jurandir, Batista, Luiz e Dico.

³ Samba de autoria de: Arsênio e Gibi.

⁴ Samba de autoria de: Zé Maranhão, Wilson Bombeiro e Alceu.

numa viagem pelo reino do faz de conta salgueirense, que passa por vários reinos: do ouro, da prata, de oió, das águas, da magia e dos pássaros de cristal. Na letra do samba encontramos citações que nos remetem às histórias infantis:

Existirá, pergunto eu, pergunto eu, /um reino tão rico e feliz que o meu? (...) corcéis alados/(...) montado no dragão(...)ne do faz-de-conta transpôs o portão/(...)rainha fada/serpente mágica/corra Cinderela, vai raiar o dia⁵

No desfile de 1986, o enredo "Bruxaria e histórias do arco da velha" foi desenvolvido pela Mocidade Independente de Padre Miguel pelos carnavalescos Edmundo Braga e Paulinho Espírito Santo. Não se tratava em específico de nenhuma história infantil, porém abordava a narração de lendas, no samba encontramos: "Tantos mistérios ao redor/e medo das histórias da vovó"⁶.

O G.R.E.S. Beija Flor de Nilópolis, no ano de 1991, ainda sobre o comando de Joãozinho Trinta desfilou com: "Alice no Brasil das Maravilhas" uma adaptação crítica da história de Lewis Carroll para a realidade brasileira. Como já dissemos antes..., na versão, o carnavalesco se serve das personagens ao fazer uma espelhação de maneira jocosa e questionar sobre nossa realidade social e política. Na sinopse presente no caderno "Abre Alas" João justifica que sua viagem é ao "Brasil das Maravilhas" pois as situações do país são idênticas as do texto de Carroll. E segue com suas críticas: "Alice, sonolenta e entorpecida, exatamente como a consciência brasileira", se refere ao coelho: "Estou com pressa, muita pressa" e questiona: "Será que falava do Brasil? O ano 2000 está aí e nós estamos atrasados, bastante atrasados". Quando Alice reduz seu tamanho o carnavalesco questiona: "Alice torna-se tão pequenininha, subdesenvolvida – 3º MUNDO. Ah! Se os licores diminuíssem, também, tantas vergonhas, negociatas e outras mazelas que nos afligem". E faz a grande questão existencialista por meio do Dom Lagarta: "Quem é você? Alice é brasileira e nós brasileiros não sabemos responder. Já perdemos nossas identidades, nossas caras". E assim segue a sinopse. Na letra do samba temos as mesmas questões:

Brincando com a imaginação / hoje sou fantasia / um lindo beija flor anunciando / uma viagem ao Brasil das Maravilhas. / Atrás de um coelhinho apressado / Alice cai no abismo... / se perdeu; / descobre a realidade: / ele é o brasileiro / e a brasileira aqui sou eu. / Quem sou eu? / Quem eu sou? / As miragens no espelho que o poeta imaginou. / [...] um gigante, às vezes tão pequeno, / entre licores e pudins... / [...] Lagarta ou borboleta, / peão ou rei... / Hoje vão rolar cabeças / nesse jogo de xadrez⁷.

Em 1995, o G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio desenvolveu um enredo também crítico: "Estória para ninar um povo patriota" do carnavalesco Lucas Pinto, em que contava de forma fabulística as histórias de Manaus, optou por transformar o Brasil em Imperador, Amazonas em rei e Manaus em uma linda princesa que a Inglaterra, a rainha poderosa, queria "destruir". Tanto na sinopse, quanto no samba, podemos notar a referência à bruxa má da "Branca de Neve". Temos no samba:

⁵ Samba de autoria de: Zé Di e Cezar Veneno.

⁶ Samba de autoria de: Dudu, Jorginho Medeiros e Tiãozinho.

⁷ Samba de autoria de: Pelé, Cláudio Inspiração, Tonho Magrinho e Paulo Roberto.

Espelho, espelho meu / será que existe alguém mais rica do que eu? / Minha rainha poderosa / Manaus é um tesouro muito maior do que o seu. [...] com isso a princesa adormeceu / entre fadas madrinhas. No seu sono prosseguia / para despertar do berço da ecologia / e o príncipe encantado, Manaus ele beijou⁸.

A carnavalesca Rosa Magalhães traz com a Imperatriz Leopoldinense, no ano de 2003, o enredo "Nem todo pirata tem perna de pau, olho de vidro e a cara de mau", que em sua sinopse atenta:

O imaginário infantil encanta-se com livros de aventuras como Peter Pan escrito por James Barrie ou ainda A Ilha do Tesouro de Robert Louis Stevenson, que não só cria os atributos obrigatórios para o perfeito pirata, inclusive a perna de pau e o papagaio no ombro, mas também o enche de mistério, de simbolismo e de sonho.

O G.R.E.S Imperatriz Leopoldinense no ano de 2005 desfilou o enredo: "Uma Delirante Confusão Fabulística", onde a carnavalesca promovia o encontro de Monteiro Lobato e Hans Christian Andersen. O Samba anunciava: "Era uma vez / em um mundo encantado, se prepare para sonhar / contos de fadas rainhas e reis... / roupas que o povo não pode enxergar / os sapatinhos dançando sozinhos / um rouxinol a cantar / sereia menina, a bailarina / universo criado por um sonhador [...]"⁹ comparando o mestre dinamarquês a um cisne altaneiro. O samba, também, assinala que: "Foi Monteiro Lobato / Um mestre de fato da literatura infantil / histórias escritas com arte / de todas as partes contou pro Brasil" e que no "Sítio do Pica Pau Amarelo" não tem fronteira: "Dona Benta recebe encantada / o povo dos contos de fadas / numa delirante confusão" Essa delirante confusão se faz presente em todo o desfile ao reunir os mais diversos personagens dos dois escritores, o samba faz um convite: "Vem viajar nessa história / é só dizer pirlimpimpim". A sinopse foi escrita em forma de versos, como uma parlenda, com uma linguagem rural e aponta: "Quando a gente fala assim e começa: "era uma vez" não tem quem não se interesse, nem quem não queira escutar" e continua, "quando se é bom ouvinte; tudo pode ser verdade e tudo se pode inventar". E segue com as histórias de ambos escritores.

Ainda no ano de 2005, a Unidos da Tijuca veio com um enredo sobre o mundo da Imaginação e os Mundos fantásticos, executado pelo carnavalesco Paulo Barros, com o título: "Entrou por um lado, saiu pelo outro... e quem quiser que invente outro!" Em sua sinopse alega que:

Através da imaginação, o homem vive suas fantasias e cria novos mundos. [...] se a vida não for fascinante, é possível reencantá-la através o imaginário. [...] D. Quixote de La Mancha será a primeira Imagem dessa jornada [...] A fantasia facilita a compreensão das crianças, pois se aproxima mais da maneira como veem o mundo. [...] para elas, podem existir monstros nas sombras ou animais que falam. Em lugares como o País das Maravilhas, o Sítio do Pica-pau

⁸ Samba de autoria de: Paulo Mumunha, Adão Conceição, Marcos do Açougue e Anísio Silva.

⁹ Samba de autoria de: Josimar, Evaldo Ruy, Jorge Artur, Jorginho e PC.

amarelo, o Mundo de Oz e tantos outros é preciso ser criança novamente para viver suas emoções.

No samba enredo a escola convida adentrar pelos portais da imaginação, onde toda fantasia é real e completa: "A mente leva a locais surpreendentes/Na Inocência, sou criança novamente/Com a Tijuca...Viajo nessa emoção/Me torno aventureiro da ilusão"¹⁰.

No ano de 2010, "Histórias Sem Fim" de Renato Laje era o enredo do Salgueiro, que enaltecia a literatura, revela a sinopse:

... e devaneios literários evocados por palavras mágicas, adormecidas à sombra do livro da saudade: "Pirlimpimpim", "Abre-te-Sésamo", "Abracadabra!". Num piscar de olhos, voamos ao tempo do "Era uma Vez... Uma outra vez!". Adentramos o portal da fantasia. Aqui, a imaginação é a máquina veloz que nos leva a qualquer tempo, a qualquer lugar! Vamos botar o mundo de pernas pro ar em busca da trilha dos contos fantásticos e lá encontrar a cidade dos sonhos, o país das maravilhas, o universo das fábulas inesquecíveis. Veja: bonecos ganham vida... ouça: a canção do herói favorito... sinta: o pulsar da felicidade inocente nas histórias contadas pela avó... Quitutes de palavras que trazem cheiros e sabores da infância, escritas para sempre no coração. É a chave para despertar a criança que nunca deixou de existir em cada um de nós na grande aventura de brincar de viver em... "

Em seu samba enredo a escola canta: "Quanta riqueza na nossa literatura/O faz de conta inocente da criança/Ficou guardado na lembrança"¹¹.

Don Quixote veio desfilas no ano de 2010 pela União da Ilha do Governador, no enredo "Dom Quixote de La Mancha, o cavaleiro dos sonhos impossíveis". No samba, a agremiação afirma que "vem cantar/mais um sonho impossível...sonhar / quem é que não tem, uma louca ilusão / e um Quixote no seu coração"¹² e a carnavalesca Rosa Magalhães encerra a sinopse da seguinte maneira: "Do ideal, apenas a glória do derrotado. Venceu o pragmatismo de Sancho. Mas vale a pena ler, quimeras são sempre divertidas, a infância ou a loucura ainda moram na essência de nossas almas quixotescas..."

Rosa Magalhães, no ano de 2011, na Vila Isabel cria o enredo "Mitos e histórias entrelaçadas pelos fios de cabelo". Em seu samba falava da personagem infantil "Rapunzel": "trança a paixão o nobre fiel / as lágrimas de Rapunzel mais linda"¹³. Na sinopse há referência às tranças de Rapunzel. Também em 2011, tivemos na Porto da Pedra o enredo "O sonho sempre vem para quem sonhar" de Paulo Menezes que, em 2003 na União da Ilha, então no grupo de acesso, fez "Chega em seu cavalinho azul, uma bruxinha boa: a Ilha trouxe do céu Maria Clara Machado". Ambos enredos apresentam

¹⁰ Samba de autoria de: Sérgio Alan, Jorge Remédio e Valtinho Jr.

¹¹ Samba de autoria de: Josemar Manfredini, Brasil do Quintal, Jassa, Betinho do Ponto e Fernando Magaça.

¹² Samba de autoria de: Grassano, Gabriel, Márcio André, João Bosco, Arlindo Neto, Gugu das Candongas, Marquinhos do Banjo, Barbosão, Ito e Léo.

¹³ Samba de autoria de: André Diniz, Leonel, Professor Vladimir, Arthur das Ferragens e Pinguim.

Maria Clara Machado e sua obra teatral/literária de grande valor na dramaturgia infantil brasileira. Em seu samba narra que "Clara, a menina dos meus olhos/criadora do impossível, sonhadora feito eu [...] quem não sonhou jamais amou/não sabe o que é se libertar [...] e a magia da criança/em busca da alegria, seu poder de encantar/criando sonhos, recriando fantasias a brincar"¹⁴. Ainda em 2011, a União da Ilha no enredo do carnavalesco Alex de Souza: "De Londres ao Rio: Era uma vez... uma ilha" que exalta o povo britânico. Na sinopse temos as seguintes referências a literatura infantil:

"*Once upon a time*", ou "Era uma vez"... é a forma mais popular, desde 1380, de iniciar histórias em língua inglesa. E se tornou convencional na abertura de narrativas a partir de 1600, da mesma forma que terminam com um: "E viveram felizes para sempre". Prevaecem em contos de fadas para crianças e na tradição oral de recontar mitos, fábulas e folclore [...]. Publicaram temas que nos deram arrepios e nos levaram a um delirante "país das maravilhas.

Em 2013, sob o comando de Paulo Barros, a Unidos da Tijuca desfilou um enredo patrocinado pela Alemanha: "Desceu num raio, é trovoada! O deus Thor pede passagem para mostrar nessa viagem à Alemanha encantada". O próprio título já diz, será apresentado pelo deus nórdico Thor, conhecido do mundo da literatura de quadrinho e cinema atual. Quanto aos contos de fada e literatura há na letra do samba: "Num mundo da imaginação era uma vez.../O conto de fadas, no reino encantado"¹⁵. Na sinopse temos também um trecho sobre os personagens que povoam nossa infância:

De onde vem tanta criatividade? Que outros lugares e personagens fantásticos de nossa infância foram recolhidos às páginas dos livros e se tornaram universais para povoar todos os mundos em todas as linguagens? Era uma vez... um jeito de brincar a vida inteira para que nem o tempo se canse de recriar novas brincadeiras.

Em 2014, o carnavalesco Alex de Souza, na União da Ilha, apresentou o enredo "É brinquedo, é brincadeira, a Ilha vai levantar poeira!", que contava as histórias dos brinquedos e brincadeiras, dentre elas havia a literatura infantil. Por exemplo, no samba enredo: "Vem no reino da ilusão, / me dê a sua mão / e pegue na estante, / um livro fascinante / personagens da imaginação / (é tão bom, é tão bom)."¹⁶ como também na sinopse se encontram referências à literatura como um modo de brincar, de vivenciar a infância:

E se caso pegar algo na estante, verá que ele também está aqui. Fala, pensa, anda e age como gente. Atua nos palcos e nas telas; saídos de algum livro ou gibi. [...] O faz de conta refere-se ao "mundo do imaginário, da fantasia", "fantasiar é criar pela imaginação", segundo Antônio Houaiss. A começar pela literatura infantil, passando pelo teatro, aos desenhos animados na televisão

¹⁴ Samba de autoria de: Bira, Diego, Ferreira, Robinho e Porkinho.

¹⁵ Samba de autoria de: Júlio Alves, Totonho, Dudu e Elson Ramires.

¹⁶ Samba de autoria de: Paulinho Poeta, Régis, Gabriel Fraga, Carlinhos, Canindé e Flávio Pires.

ao cinema, os personagens oferecem imagens que são muito significativas para a criança, e como algo de sucesso atrai a atenção da garotada, logo se tornam brinquedos.

Breve conclusão

Concluímos através das observações destas sinopses e sambas enredos que a literatura infantil é um tema recorrente nos desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Produzem uma transdisciplinaridade que se sustenta sobre o diálogo das semelhanças de sua linguagem às avessas com o mundo fantástico, mágico e surreal do carnaval. A literatura infantil é evocada nos desfiles e esteticamente apresenta as personagens, as histórias, os autores. Também servem de modelo da narrativa do enredo, que utilizam a estrutura dos contos, como a clássica frase introdutória: Era uma vez... Além disso, noto que o tema pode ser abordado de duas maneiras: a primeira é fiel aos originais no que tange às características dos personagens e a segunda é apresentar os personagens de forma antropofágica, influenciada pela realidade brasileira. O encontro entre carnaval e literatura infantil possibilita novas abordagens, outras pesquisas possíveis, dentre os quais citamos a facilidade de leitura estética dos personagens por se tratarem de cores, formas e volumes arraigados no inconsciente coletivo. Além disso, o apelo afetivo que os temas apresentam sobre o público. E assim, infinitamente, pois o tema não se esgota, permitindo análises plurais.

Referências:

- ABRE ALAS de 1991 até 2013, LIESA-Rio de Janeiro.
- BAKHTIN, M.M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fada. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CARROLL, L. 1932-1898. Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá/Lewis Carroll; inclui ilustrações originais de John Tenniel; Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- DURIGAN, R.H.A. (Et al). A leitura em outras linguagens. Disponível em: <<http://www.silmelp2009.uevora.pt/pdf/slt59/03.pdf>>. Acesso em: set.2012.
- FERREIRA, F. O marquês e o jegue: estudo de fantasias para a escola de samba. Rio de Janeiro: Altos da Glória, 1999.
- FONTANILLE J. Semiótica do Discurso. Trad. Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2008.
- MANGUEL, A. Lendo Imagens: uma história de amor e ódio. Trad. Rubens Figueiredo; Rosaura Eichenberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MAUSS, M. Sociologia e antropologia. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- VALVERDE, M. Estética da Comunicação. (Sentido, forma e valor nas cenas da cultura). Salvador: Quarteto Editora, 2007.